



velhice

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

VELHICE

AUGUSTO LA FERE

VELHICE

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Velhice

© 2023 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-4-6

Ilustrações e Capa

Belén Mietta

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

Para as mãos que já não fecham punhos,
mas ainda sabem a textura do tempo na
madeira da mesa.

Para os ouvidos que já não esperam por
passos,
mas reconhecem a música seca dos
próprios ossos.

Para você, que é agora a cadeira vazia à
espera do vento.

Este livro era seu antes de ser escrito.

“O que faço aqui, tão só?
Envelheci.
É a hora derradeira que demora.”

— *Carlos Drummond de Andrade*

Sumário

Apresentação.....	1
Prólogo.....	4
I Movimento.....	5
II Movimento.....	28
III Movimento.....	51
Epílogo.....	74

Apresentação

Escrevo estas palavras não como um prefácio, mas como um último gesto antes de entregar a chave da casa.

Este livro não chegou como um romance ou um projeto. Chegou devagar, como o pó que se assenta nos móveis — um grão de cada vez. Fui juntando esses fragmentos: restos de gestos, dias que se repetiam, palavras cujo dono já se foi.

Aqui, a casa não é cenário. É personagem. Ou talvez eu mesmo me tenha tornado a casa: com portas que já não selam o mundo lá fora, janelas que emolduram o mesmo céu, e um silêncio que se instalou nos cômodos como uma segunda pele. Cada objeto — a cadeira à espera, o copo vazio, o relógio que teima em marcar horas iguais — não é alegoria. É o que resta. É a confissão de que a vida, no fim, cabe numa sala apenas, entre quatro paredes e o eco da própria respiração.

Alguns lerão estas páginas e dirão: que tristeza. Outros: que solidão. Não os contradirei. Mas peço que notem o vento. O vento que ainda visita, balançando levemente o que já não se mexe, assoviando baixo nas frestas. Ele não traz mensagens. Apenas passa. E nessa passagem, recorda que existe um “lá fora” — ainda que já não saibamos como chegar até ele.

Não escrevi sobre a velhice de fora para dentro. Escrevi de dentro para ainda mais dentro, como quem tateia as próprias paredes no escuro. Há frio, sim. Há ausência que corta. Há memórias que em vez de aquecer, pesam. Mas há também uma liberdade inesperada: a de já não ter de representar papel algum, de não precisar ser novo, produtivo, cheio de futuros.

Este livro é o que ficou quando as grandes esperanças se calaram. É o eco de um nome que ninguém pronuncia. Se estas palavras o tocarem, não será com o

impacto de uma revelação, mas com a delicadeza de um tilintar — o som de um copo lascado que ainda ressoa, frágil, quase imperceptível, mas profundamente verdadeiro.

No fim, talvez seja só isso: a coragem de encarar o pó e reconhecer que, um dia, fomos luz — e que agora somos este repouso, este sossego, esta permanência quieta no umbral do tempo.

Prólogo

Entre restos e silêncio

Não há chegada.
O dia já passou.
O pão na mesa
endureceu sozinho.

A porta cedeu
sem urgência.
Não foi aberta,
não foi fechada.

Entre o pó e o vento,
um espaço sem dono.
Aqui não se entra,
aqui não se sai.

Isto não começa.
Nenhum canto se ergue,
nenhuma voz chama.

A velhice é este vão:
resto de um gesto,
eco de um nome,
silêncio que continua,
espera de uma morte
que nunca chega.

I Movimento

O corpo e a casa



1 Porta entreaberta

A porta entreaberta
não chama ninguém.
Um vento leve
repete um nome,
e mesmo assim
ninguém responde.
A madeira range
em lamento contínuo.
O vai-e-vem não altera
o mesmo vazio.

2 Copo lascado

Copo lascado
na mesa vazia.
A mão que o ergueria
não volta.
O silêncio bebe primeiro.
No fundo, traço de pó,
resto de água.
Erguido devagar,
não pesa.
O gesto já ausente
fica como impressão.

3 Relógio insistente

O relógio insiste:
mesma hora,
mesmo minuto,
mesma espera.
O ponteiro avança,
mas nada muda.
Cada tique
é igual ao outro.
Não há manhã,
não há noite,
apenas tempo
gasto no mesmo lugar.

4 Cadeira junto à janela

Cadeira vazia
junto à janela.
A luz da tarde
não encontra corpo.
Apenas pó
no encosto.
A cadeira permanece
à espera do vento
que não vem.

5 Pele

Pele que racha
como parede antiga.
O frio penetra,
a carne não responde.
Cada ruga é cicatriz
daquilo que não volta.
O tato não encontra calor;
o pelejar tornou-se mapa.

6 Ossos

Ossos rangem
ao erguer-se.
O corpo pesa
como pedra molhada.
Andar é cair
sem desabar.
Um passo adiante
é também queda.
O som dos ossos
é música seca
que marca o fim.

7 Sapatos esquecidos

Ao lado da cama
os sapatos esperam.
Mas os pés
já não cabem neles.
Espera sem uso,
espera sem caminho.
O couro resseca,
a sola descasca.
Foram feitos para andar,
e agora apenas dormem.

8 Página parada

O livro na estante
aberto na mesma página.
O vento não vira,
os olhos não passam.
A história interrompida
no meio da frase.
A poeira assume
a vez de ler.

9 Chão frio

Os pés descalços
tocam o frio.
Não há tapete,
não há calor.
O corpo sente
a ausência da casa.
Cada passo
é gelo leve,
corte sem sangue.

10 Escada interrompida

Os degraus sobem,
mas não há força.
A escada termina
antes do alto.
O corpo cede
no meio do caminho.
O degrau seguinte
surge como abismo.

11 Espelho baço

O vidro turvo
não devolve rosto.
Apenas sombra
e luz quebrada.
Quem olha
não se reconhece.
O espelho cansou-se
de refletir.
Agora é apenas
vidro sem memória.

12 Voz alheia

— Está dormindo?

— Só descansando.

— Por que a mão está tão fria?

— É o inverno que vem chegando.

— Posso aquecê-la?

(Silêncio. Depois, um sorriso
que não chega aos olhos.)

13 Cortina imóvel

A cortina não balança.
O vento não a toca.
Ela guarda a luz
que já não entra.
Seu pano pesa
como um adeus
que nunca foi dito.

14 Toalha dobrada

A toalha na haste
perdeu o uso.
Dobrada, seca,
sem marcas de água.
O corpo que a usou
já não volta.
Ela espera um gesto
que se desfez no ar.

15 Vaso sem flor

Vaso vazio
no parapeito.
A terra seca
não guarda semente.
Não há raiz,
não há broto.
Apenas o barro
como um corpo
que não floresce.

16 Lâmpada apagada

A lâmpada não acende.
O interruptor não responde.
A escuridão habita
como um hóspede antigo.
Não há medo,
não há pressa.
Apenas a noite
que se fez casa.

17 Cobertor frio

O cobertor não aquece.
O corpo não retém calor.
O frio vem de dentro,
como um rio subterrâneo.
Nenhum tremor,
nenhum arrepio.
Apenas o gelo
que se instalou.

18 Ventania noturna

O vento noturno
arrasta folhas secas.

O telhado range,
a casa respira.

Mas quem ouve
já não se assusta.

A tempestade
é apenas um rumor
que não perturba.

19 Sombras na parede

As sombras dançam
com a luz do luar.
Nenhum corpo as projeta,
nenhum movimento as guia.
São formas puras,
vazias de origem,
que habitam a casa
como fantasmas leves.

20 Roupa no cabide

A roupa no cabide
guarda um corpo ausente.
As dobras lembram
os braços que a vestiram.
Agora é apenas pano,
espera sem forma,
presença esvaziada.

21 Janela cerrada

A janela não abre.
O ferrugem venceu.
O vidro embaçado
não deixa passar o dia.
Lá fora, o mundo
continua.
Aqui dentro,
o tempo parou.

22 Casa adormecida

A casa não acorda.
Os objetos dormem.
O silêncio é espesso,
o ar parado.
Nenhum passo,
nenhum rumor.
Apenas a velhice
que vigia.

II Movimento

A memória e a falta



1 Foto

Na moldura antiga
os rostos ainda sorriem.
Um riso de papel
que não respira.
Os olhos brilham,
mas não olham de volta.
A poeira na borda
é o tempo impresso.
A fotografia pesa
sem ter peso.
Guarda um instante
que não retorna.

2 Chave

A chave no bolso
não abre porta.
Pesa mais que o metal
de que é feita.
Já não serve
em fechadura alguma.
É apenas lembrança
de entrada perdida.
A chave guardada
mantém-se inútil,
como esperança extinta.

3 O nome esquecido

Um nome insiste
na ponta da língua.
Não chega a nascer,
não encontra dono.
Pode ter sido amigo,
ou amor.
Agora é sombra
sem sílaba inteira.
O esquecimento
apaga antes de escrever.

4 Saudade

Saudade é fogo
que não se apaga.
Arde lento,
sem luz, sem chama.
Volta em cheiros,
em vozes antigas.
Volta até no gesto
de segurar objeto.
Não é lembrança,
não é presença:
é dor que mora
entre as duas.

5 Carta guardada

Há anos escrita,
uma carta dobrada.
Nunca enviada,
nunca recebida.
O papel amarelou,
a tinta sumiu.
O destinatário se foi,
a carta ficou.
Resta apenas silêncio
onde antes havia palavra.
A carta guardada
é passagem para o nada.

6 Retrato na gaveta

O retrato escondido
na gaveta fechada.
O rosto não envelhece,
o tempo não passa.
Mas quem o vê
sabe que é mentira.
A imagem parou,
a vida seguiu.

7 Canção antiga

Uma canção ecoa
num rádio distante.
A melodia é a mesma,
a voz não mudou.
Mas quem escuta
já não canta.
A letra ficou
presa no tempo.

8 Cheiro de chuva

O cheiro da chuva
traz o passado.
A rua molhada,
o asfalto escuro.
A memória cheira
a terra molhada,
a infância,
a tempo ido.

9 Objeto sem dono

Um objeto sem dono
sobre a mesa.
Não tem uso,
não tem história.
Foi esquecido
por mãos antigas.
Agora é apenas peso,
presença vazia.

10 Lembrança de mar

O mar não está perto.
Mas seu som persiste.
Ondas que batem
dentro do ouvido.
Sal na pele,
vento no rosto.
Memória que molha
até o osso.

11 Roupa cheirosa

A roupa no armário
guarda um cheiro antigo.
Não é perfume,
não é suor.
É o aroma
de um corpo amado
que já não veste.

12 Livro de receitas

O livro de receitas
aberto no mesmo lugar.
A letra é conhecida,
a mão que escreveu
não volta.
Cada ingrediente
é uma ausência.

13 Relógio parado

O relógio parou
numa hora qualquer.
Não foi consertado,
não foi movido.
Marca um instante
que não significa nada.
Apenas a hora
em que tudo cessou.

14 Vulto no corredor

Um vulto no corredor
que some ao virar.
Não é medo,
não é susto.
É a lembrança
de alguém que passou
e não voltou.

15 Telefone mudo

O telefone não toca.

O fio está vivo,
mas não vibra.

Quem esperava
já desistiu.

Agora é apenas
um objeto na mesa,
mudo como a pedra.

16 Café frio

O café na xícara
esfriou sozinho.
Ninguém o bebeu,
ninguém o serviu.
É apenas líquido
que escurece,
como a memória
que se apaga.

17 Vento nas folhas

O vento nas folhas
sussurra nomes.
Nomes antigos,
vozes perdidas.
Quem escuta
sabe que é eco,
som sem origem,
fala sem dono.

18 Carta rasgada

A carta rasgada
no cesto do lixo.
Pedacinhos de palavra,
fragmentos de afeto.
Não foi lida,
não foi queimada.
Apenas desfeita,
como a memória.

19 Espelho coberto

O espelho coberto
com pano negro.
Não reflete,
não devolve.
É um olho cego,
um poço seco.
Quem o cobre
não quer ver.

20 Rádio sussurrante

O rádio sussurra
uma notícia antiga.
A voz é baixa,
quase um segredo.
Ninguém escuta,
ninguém responde.
É o passado
que fala sozinho.

21 Almanaque velho

O almanaque velho
aberto em dezembro.
Os dias riscados,
as festas marcadas.
Agora é apenas papel,
calendário de um ano
que já não existe.

22 Sombra no quarto

A sombra no quarto
não é de ninguém.
Move-se devagar,
sem pressa, sem rumo.
É a memória
que não achou lugar,
fantasma leve
à procura de corpo.

III Movimento

O sonho e a suspensão



1 Último gesto

O gesto parou
antes de tocar a mesa.
Ficou suspenso
no ar vazio.
Nenhum olho viu,
nenhum som guardou.
Era simples:
pousar a mão,
erguer o copo.
Mas o corpo falhou,
e o gesto morreu
sem destino.

2 Vela que não acende

No escuro,
uma vela espera.
A mão não chega,
o fósforo não risca.
A chama não nasce,
a noite não se rompe.
Fica só a cera
sem destino.
Há luz guardada,
mas nunca dada.
A vela que não acende
é promessa morta.

3 Sonho cumprido

Um dia veio
o que se prometera.
O gesto se fez,
a palavra nasceu.
Foi breve,
mas foi real.
Um sonho cumprido
como flor no asfalto.
Agora resta lembrança,
curta mas inteira.

4 Sonho negado

Outros sonhos
não chegaram.
Ficaram na borda
do possível.
Esperaram porta,
esperaram luz.
Nunca abriram,
nunca nasceram.
O sonho negado
é ferida sem cura.

5 Tempo devolvido

Tudo o que foi
se dissolve.
O tempo não guarda,
apenas devolve.
Volta em pó,
volta em sombra.
Não como presente,
mas como falta.
Tempo devolvido
é entrega ao nada,
porta do fim.

6 Rosto no espelho

O rosto no espelho
não é o mesmo.
Os olhos são outros,
a boca mudou.
Quem olha
não se reconhece.
É um estranho
com feições antigas.

7 Passo no escuro

Um passo no escuro
sem direção.
O chão some,
o ar falta.
Não há medo,
não há urgência.
Apenas o vazio
que acolhe.

8 Mão estendida

A mão estendida
não toca ninguém.
Fica no ar,
à espera de resposta.
Ninguém vem,
ninguém segura.
Ela desce lentamente,
como folha morta.

9 Palavra não dita

A palavra não dita
fica na garganta.
Não sobe,
não desce.
É um bloco de ar,
um nó de silêncio.
Quem a calou
já não a solta.

10 Riso contido

O riso contido
não chega aos lábios.
Fica nos olhos,
mas não brilha.
É um sorriso interno,
sem som, sem eco.
Ninguém o vê,
ninguém o partilha.

11 Abraço imaginado

O abraço imaginado
não aquece o corpo.
É um gesto de ar,
um encontro de sombras.
Quem o inventa
sabe que é falso,
mas repete-o
como oração.

12 Viagem adiada

A viagem adiada
no papel rabiscado.
O mapa dobrado,
a mala vazia.
O destino existe,
mas o caminho sumiu.
Agora é apenas
um plano esquecido.

13 Canção inacabada

A canção inacabada
no caderno fechado.
A melodia parou,
a letra truncou.
Quem a compunha
já não lembra
como seguir.

14 Pintura sem cores

A pintura sem cores
na tela branca.
O pincel seco,
a tinta gasta.
A imagem não nasce,
a forma não vem.
É um quadro vazio,
sonho sem linha.

15 Jardim noturno

O jardim noturno
sem flores, sem luz.
As plantas dormem,
o vento passa.
Quem o observa
vê apenas sombras,
jardim de sonho
que não floresce.

16 Festa cancelada

A festa cancelada
na sala arrumada.
As cadeiras vazias,
os copos limpos.
Ninguém vem,
ninguém dança.
A música é lembrança
de um baile que não houve.

17 Caminho fechado

O caminho fechado
por pedras e mato.
A passagem sumiu,
a estrada morreu.
Quem insistia
já desistiu.
Agora é apenas
trilha abandonada.

18 Livro em branco

O livro em branco
sobre a mesa.
As páginas limpas,
a história por escrever.
A mão não pega a pena,
a tinta não corre.
É um volume mudo,
sonho não vivido.

19 Sombra de pássaro

A sombra de pássaro
na parede clara.
Asas abertas,
voo suspenso.
Mas o pássaro não existe,
é apenas mancha,
sonho de liberdade
que não decola.

20 Roupas de festa

A roupa de festa
no armário fechado.
Brilha no escuro,
sedutora e vã.
Ninguém a veste,
ninguém a elogia.
É um adorno sem corpo,
alegria adormecida.

21 Poema rasurado

O poema rasurado
no caderno antigo.
Versos cortados,
palavras riscadas.
A ideia não vingou,
a emoção não fluiu.
É um texto morto,
sonho interrompido.

22 Último suspiro

O último suspiro
não foi ouvido.
Saiu leve,
quase um alívio.
Ninguém chorou,
ninguém notou.
Foi o fim de um sonho
que já não doía.

Epílogo

Permanência do pó

Nada se fecha,
mas tudo se dobra.
A porta não range:
assobia.
A cadeira guarda
o corpo que foi.
O copo,
ainda com sede de ar.
A morte não veio.
Aprendeu a esperar.

O tempo não termina,
repete-se em ruína.

A velhice conclui-se
em permanência de pó,
sombra no chão,
nome que não chama.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. Esta fonte conserva a memória do século XVI.

A edição digital foi finalizada em outubro de 2025, pela *Ars Verbi*™, em Lapa, Paraná.

Aos tipos que descansam
na página, no pó,
no fim do verso.
Esta edição é um gesto suspenso
entre a tinta e o silêncio.

